



MAIS PERTO DO PRESENTE (II)

1 – NOS 10 ANOS DE UM EDITORIAL

Em 2007 (boletim n.º 17) publicámos um editorial com este título. Trazia várias mensagens. Da aliança entre a linha de pensamento e a prática da Associação. Em que a Cultura da Saudade se afirmava em intervenção cívica. Com raízes na memória colectiva. Ligando a História ao desenvolvimento. Numa extensão “coerente” com a nossa vocação original. Isto é, em que o passado não é uma “passagem” que ficou lá para trás... mas está sempre a marcar encontro com o presente (ou será ao contrário?).

2 – SOLIDARIEDADE NA SOCIEDADE FAIALENSE

Ao assinalarmos este tempo do nosso percurso, acentuamos a mesma reflexão. De aproximação ao presente. Agora, querendo estar com o novo movimento que anima a sociedade faialense. Reagindo à carência de condições estruturantes de um novo tempo para o Faial. Imputável, em primeira linha, a quem dispõe do poder e dos meios para inverter a situação. Radicando em diferentes tipos de inoperâncias:

- sobre os factores com maior peso estruturante, o aeroporto (operacionalidade e política da transportes) e o porto da Horta (reajustamento das suas valências);
- numa longa lista de promessas sucessivamente não cumpridas;
- em casos que já foram objecto de obra ou se encontram em projecto e são motivo de insatisfação por deficiências de concepção;
- e, talvez a maior inoperância, o facto de não estar definido o quadro estratégico global para o desenvolvimento do Faial. A preencher por estudos credíveis para as opções de investimento (como já foi feito para outras ilhas). Contrariando desculpas falaciosas. E dando alento a acções de cidadania como as que se vivem agora. Mas que precisam de confiar no “rumo certo”.

3 – ESTAMOS NO MESMO BARCO...

Na sua prática a AAALH tem-se empenhado na pesquisa historiográfica e na valorização patrimonial. Procurando que as suas acções integrem uma visão de desenvolvimento. Mas, reconhecendo que o poder de persuasão dos projectos afrouxa sempre que o entusiasmo prevalece sobre os argumentos sólidos. Por isso, temos recorrido aos nossos mais capacitados, a Universidades e a personalidades com currículo relevante e reconhecido, no pressuposto de que, assim, a intervenção cívica ganha respeitabilidade na ajuda ao Governo.

Temos razões bem conhecidas que nos colocam como aliados do movimento que pugna por outro tempo para o Faial. Vale a pena recordar algumas, especialmente neste momento:

PORQUE NÃO ESTÁ FEITO O MUSEU DO CABO SUBMARINO?

Depois do Grupo dos Amigos deste projecto ter apresentado estudos de fundamentação, estabelecido ligações internacionais, realizado colóquios com especialistas, reunido argumentos para uma candidatura a património transnacional da UNESCO, ter integrado a melhor exposição portuguesa em 2015 e, por unanimidade, na ALRAA, ter sido aprovada uma Resolução nesse sentido, convirá não esquecer, ainda, que estamos a referir aquele que seria o único museu do género em Portugal, com atractivo de visita, como se sabe, também para muitos estrangeiros que ali encontrarão memórias da história dos seus países.

PORQUE NÃO ESTÁ CONCLUÍDA A QUINTA URBANA DO SOLAR DOS ARRIAGA?

Foi objecto de petição pública, debatida na ALRAA. Dispõe de contributos para a concepção. É um compromisso assumido na inauguração

(Cont. na pág. 2)

MEMÓRIA DOS LUGARES – A CALDEIRA DO FAIAL



“No Faial, o património natural abraça de modo inseparável as marcas da história e da cultura”, escreveu o Professor VIRIATO SOROMENHO MARQUES, a propósito de uma visita ao Faial para participar no colóquio “Turismo Sustentável e Conservação da Natureza” assinalando os 30 anos do Jardim Botânico. Fez ainda referências elogiosas à qualidade do ambiente, destacando o valor de uma nova geração qualificada que tem sabido preservar e projectar a mais valia extraordinária do nosso património natural. Destacou, também, importantes inovações nesta área por jovens investigadores (Diário de Notícias, 2/8/2016).

Este património tem lugar cativo na nossa memória, como é o caso mostrado nesta magnífica imagem, a Caldeira do Faial. Traz-nos a nostalgia de um passado que percorremos. E o orgulho no presente. A Caldeira continua um “ex libris” extraordinário, de grande valor ambiental e paisagístico. Desde 1948 que foi declarada “zona de protecção da Natureza”, uma das mais antigas do País e a mais antiga dos Açores. Em 1972 é classificada Reserva Integral, reclassificada em 1982 como Reserva Natural. Integra a Rede Natura 2000 (Zona de Protecção Especial e Zona Especial de Conservação) e, em 2008, foi classificada como Zona RAMSAR (Zona Húmida de Importância Internacional) sendo, ainda, considerada Geosítio Prioritário pelo Geoparque dos Açores (UNESCO). Em 2016, a descida acompanhada da Caldeira foi galardoada com o 1.º Prémio na categoria “experiências na Natureza” no âmbito do EDEN Innovation Awards 2016 (Destinos Europeus de Excelência, Programa da União Europeia).

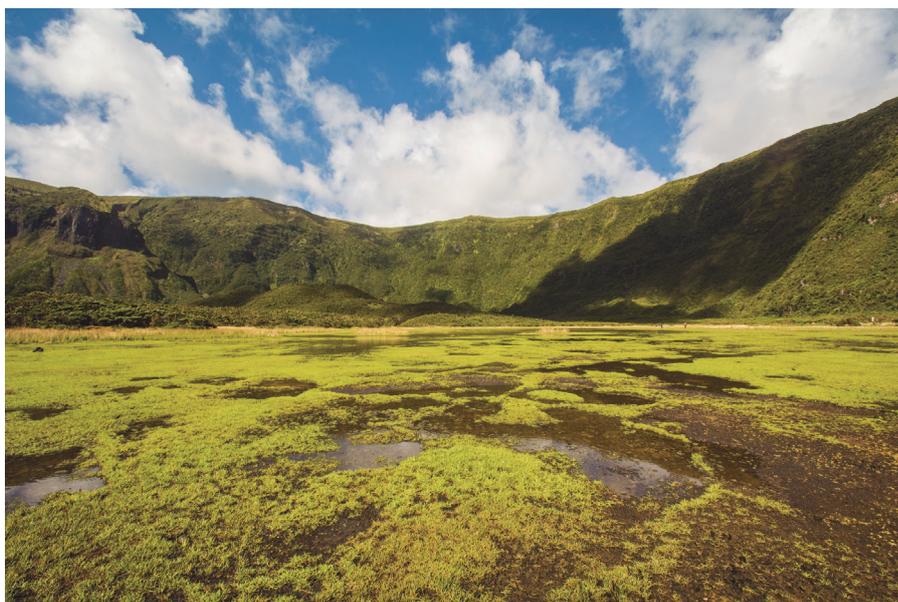
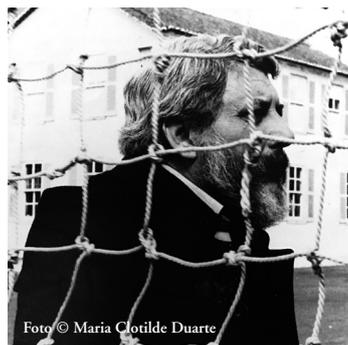


Foto © Carlos Pedro

(Cont. na pág. 2)

ANTÓNIO DUARTE NA MEMÓRIA DOS SEUS ALUNOS



As gerações criam as suas referências, os seus ídolos. Em linha com os anseios do seu tempo. Neste espaço de imaginários, os professores também disputam o acesso a um pedestal da memória. Como tem acontecido, ao longo da história, em diferentes áreas merecedoras do apreço dos estudantes. Por isso e pelo destaque profissional, a memória dos Professores tem merecido especial atenção nas lembranças aqui publicadas.

Nesta oportunidade em que se evoca **António Duarte**, por ter sido homenageado pela Escola Secundária Manuel de Arriaga, recordamos que logo na primeira edição deste Boletim, há 20 anos, foi publicado um texto de **Mário Machado Frayão** “António” (*in* Vento Norte, 12/9/1997) e em 2014, em crónica de **António Bulcão**, foi recordado o mesmo Professor, em “António Duarte, com a camisa por fora das calças”.

A homenagem agora prestada (22/11/2016), com a atribuição do nome de **António Duarte** ao Auditório da ESMA, marca um registo eloquente sobre uma personalidade que é recordada por várias gerações de Antigos Alunos.

Ilda Frayão sintetizou os traços culturais e humanos que contribuíram para fundamentar a homenagem (Conselho Executivo da ESMA, 30/8/2016, *in* Programa).

António Ferreira Duarte foi uma referência marcante para as gerações de 60, 70 e início de 80 no Liceu da Horta. Sob a sua direcção, e com o seu impulso entusiasta, jovens ousaram transverter-se em personagens oriundas de dramaturgos notáveis, porque **António Duarte** estava lá, do início ao fim da recriação teatral, incutia-lhes autoconfiança, incitava-os a superar os limites e a ir mais longe na interpretação de cada palavra, de cada gesto, de cada olhar.

Homem de cultura, **António Duarte** rasgou horizontes a adolescentes sonhadores e estimulou a libertação de muitas centelhas que o regime, os costumes ou os constrangimentos de uma época conturbada mantinham secretos ou mesmo amordaçados.

Professor proficiente e pensador profundo, soube também despertar nos alunos o gosto pelas línguas inglesa e alemã, na poesia e na prosa, com a versatilidade e o poder de comunicação que perduram na nossa memória colectiva.

A sessão demonstrou a força desta memória. Pela qualidade do programa, a dimensão afectiva dos intervenientes e a elevada presença de pessoas solidárias com a festa. Da ampla participação de **Vítor Rui Dores** nesta homenagem, destacamos os seguintes extractos dos textos que apresentou:

ANTÓNIO DUARTE

“...Animador cultural, intelectual íntegro e coerente, homem de tertúlias várias e variadas, distinguiu-se como professor, pedagogo, encenador e actor. O grupo de teatro “Te-Hor”, por ele criado, marcou indelévelmente a cultura da ilha do Faial. Para além de muitos recitais de poesia (de que foi excelente divulgador e “diseur”), encenou autores como Gil Vicente (*Autos*), Camões, Fernando Pessoa, Ionesco (*A cantora careca*), Eugene O’Neil (*O Óleo*), Brecht (*A excepção e a regra*), Jean Anouilh (*O ensaio*), Ary dos Santos (*No Tempo da Lenda das Amendoeiras*), entre outros.

Personalidade cívica de relevo, homem de atitudes, cidadão da fraternidade, da amizade e da coragem, **António Duarte** exerceu ainda diversos cargos no âmbito do Partido Comunista Português.”

RECADO A ANTÓNIO DUARTE

“...Todos sabemos que ficou um bocado de ti em nós, tu que fizeste da palavra uma arma de arremesso, tu que não transigiste com o que era fácil e que não cedeste nem te vergaste a coisa nenhuma, tu que zombaste dos burgueses e desafiaste os poderes e denunciaste a podridão do reino... Ficou o teu exemplo, a tua lição, a tua coragem. Ficou a semente teatral que deixaste, e a verdade é que, nos últimos 30 anos, com o “Sortes à Ventura”, nunca deixámos de fazer teatro na nossa Escola.

Por isso estamos hoje a recordar-te, nós que por cá continuamos pessimamente bem. Rodeados de silêncio e solidão por todos os lados. Vivendo a pacata e parda-centa vidinha. Atolados no império do despacho e do decreto-lei. Tramados com os impostos das nossas angústias. Ensimismados no sofá da nossa insustentável resignação televisiva. Mas resistindo. Resistindo à intolerância, ao entorpecimento, à indiferença. Acreditando, como tu, na verdade da poesia, nas possibilidades do sonho e nos amanhã de esperança.

Adeus, António. Para sempre guardarei o teu retrato no fundo do meu espelho.”

MAIS PERTO DO PRESENTE (II) (Cont. da 1.ª pág.)

da Casa Manuel de Arriaga em 2011(!). É, ainda, essencial para a melhoria da dinâmica das visitas a esse património singular, a casa onde nasceu e viveu o Primeiro Presidente da República. E seria, também, um bonito atractivo histórico no centro da cidade da Horta.

PORQUE NÃO ESTÁ FEITO O MUSEU DO PORTO DA HORTA?

Tantas vezes explicada a sua importância na História do Atlântico, tantas vezes alegada a urgência da salvaguarda do seu património, tantas vezes feitas insistências para a sua musealização *in situ*, num dos locais históricos (armazém do carvão?), lembra-se que o próprio Porto da Horta “ainda” é um Museu (a AAALH realizou 7 colóquios sobre tudo isto). Além do atraso, já existem razões para temer uma adulteração que nos deve preocupar – o Governo projecta reduzir este magnífico investimento

a um arranjo inacreditável, o museu do Porto com outro nome, e em algumas dependências de um antigo edifício das companhias de cabo submarino (projecto apresentado a um programa comunitário).

Parece simples aceitar que os exemplos citados acrescentam mais valias para a justificação dos outros factores estruturantes.

Parece também simples aceitar que as condições estão criadas e avançados os aspectos essenciais desses investimentos (cujos encargos foram suportados pela AAALH).

Mas, parece ainda mais simples intuir que o termo “inoperância” acima utilizado é insuficiente para explicar a nossa frustração. Depois de tanto entusiasmo e solidez dos argumentos.

O que será que não vimos bem?

MEMÓRIA DOS LUGARES – A CALDEIRA DO FAIAL (Cont. da 1.ª pág.)

Longe vão as narrativas que evocam experiências de fruição deste majestoso património, no convívio com as 100 espécies endémicas da flora e fauna dos Açores existentes neste “santuário natural”. Recordam-se as memórias de convívios bucólicos, das romarias tradicionais e do passeio obrigatório de visitantes à “borda caldeira”. E os peixinhos que vinham do lago do fundo da Caldeira, existente até 1958, quando se voltou a falar do Vulcão da Caldeira na altura da erupção dos Capelinhos. É a recordação de uma queda de neve enorme na Caldeira (ver 4.ª página).

Aprez-nos registar o excelente trabalho dos Parques Naturais do Faial e do Pico e cumprimentar os respectivos Directores, João Melo e Manuel Paulino. E louvar a inteligente iniciativa de um programa conjunto, comemorativo dos 45 anos da classificação como Reserva Integral da Caldeira do Faial e da Montanha do Pico, respectivamente, a 7 e 8 de Março de 1972. Pode ler-se na excelente brochura publicada no âmbito das comemorações dos 45 anos “...homenagem a estas áreas protegidas, locais únicos no mundo, onde a Biodiversidade e a Geodiversidade vivem em harmonia com o Homem, sendo motivo de orgulho para todos os Açorianos.”

JOÃO CARLOS FRAGA*

Uma figura com lugar marcado na história do Porto da Horta



Talvez por se ter iniciado na Vela a bordo de um yacht de certa dimensão, está patente neste trabalho uma preocupação em atender à evolução do Iatismo Oceânico.

Porto de escala de embarcações de recreio internacionais, há praticamente dois séculos, a cidade da Horta tem por obrigação atender às novas características que este movimento náutico vai apresentando, a fim de manter a sua posição destacada e deveras invejável.

Nas duas últimas décadas acentuou-se, e de uma maneira ostensiva, a construção de yachts de cruzeiro com comprimentos superiores a 20m. Este facto deve-se, em grande parte, ao maior poder de compra dos armadores e ao interesse nas operações de charter de grande qualidade.

Em paralelo há um ressurgimento no meio da alta finança do interesse pelo Iatismo, o que leva os grandes magnates a construir grandes unidades medindo mais de 30m, os mega-yachts, que, para além das suas dimensões, chamam a atenção pela sua estética e grande luxo. Alguns destes armadores possuem mais do que um mega-yacht com utilizações definidas, movendo-se estas pequenas frotas ao sabor de uma série de eventos do interesse para os seus proprietários ou até para as suas deslocações particulares. Neste caso é frequente haver uma ligação jacto privado/yacht muitas vezes complementado pela existência de helicóptero a bordo.

Para além de símbolos inequívocos de riqueza, estas embarcações são para uso particular, neste caso mantendo-se num secretismo impressionante, ou repartidas com o charter de qualidade e custos elevadíssimos, visando apenas uma clientela dotada de grande poder económico, numa palavra, milionária. Neste grupo de embarcações, que chega a atingir 45 m de comprimento, existem muitos veleiros que, para além das utilizações acima mencionadas, cumprem um calendário de regatas com maior incidência no Mediterrâneo e nalgumas ilhas das Caraíbas.

Por outro lado, e ainda reflexo do desenvolvimento da indústria do charter, os catamarans continuam a aumentar em número e em dimensões, se bem que o primeiro factor seja o mais evidente.

Embora os maiores catamarans possuam pouco mais de 30m de comprimento, a sua largura é muito superior à dos monocascos. Este factor permite uma maior estabilidade, menos calado e uma ocupação de passageiros em número superior, com áreas de lazer de maiores dimensões e um acesso mais fácil a certas baías. No entanto, no caso de amarração em marinas, os catamarans ocupam um espaço muito superior ao de um monocasco com o mesmo comprimento.

É com prazer que vejo no trabalho do Arq. Pedro Garcia a preocupação em actualizar o Porto da Horta para um atendimento eficaz da frota de recreio que navega actualmente pelo Mundo.

O Iatismo, dentro das éticas necessárias e convenientes, tem de ser encarado como uma fonte de rendimento e com grandes potencialida-

JOÃO CARLOS FRAGA

(Antigo Aluno, 1957) teve um percurso de vida de grande singularidade, na forma de pensar a sua terra. Quase visionário sobre o Faial no mundo. Deixou-nos um vasto legado. De ideias e de “coisas que fez”. Os vários círculos de amigos vão certamente recolher e analisar esse espólio. Seremos um deles. Levará o seu tempo. No entanto, não quisémos deixar de incluir neste primeiro boletim,



Foto © Clube Naval da Horta

após a sua morte, uma evocação da sua memória, nada melhor do que um texto daqueles em que sabia do que falava. Foi há 10 anos, escrito para uma iniciativa da AAALH – A CIDADE E O PORTO (Escola Profissional, 3/3/2007), colóquio a partir da tese de arquitectura na Universidade do Porto de Pedro Garcia, *in* Actas do Colóquio). Em poucas palavras mostra como entendia o futuro do Faial, mais uma vez, através do Porto da Horta. Falando da sua paixão, o iatismo oceânico. E da sua experiência de relações internacionais.

Agora que o João Carlos já partiu, receamos, ao pensar nele, que as suas ideias não sejam consideradas neste momento crucial, em que, de novo, se podem perder oportunidades.

des. Este rendimento, logicamente, não deve ser obtido de “assalto”, mas oferecendo serviços e condições que atinjam os mesmos fins e atraiam esta clientela. Actualmente um m2 de área molhada num porto como o da Horta, vale muito dinheiro e, repito, é esta realidade e preocupação sobre a mesma que aprecio neste trabalho.

Modernizar as condições portuárias, adaptando-as a uma realidade aberta ao futuro é urgente e necessário, pois a situação actual já está ultrapassada, inclusivamente o método de amarração das embarcações de maior porte. O ideal, insisto, seria transformar o porto da Horta num destino para estes yachts, complementando as escalas que já atingem um grande número em termos percentuais.

As minhas felicitações.

* *Estudioso do iatismo no porto da Horta*

AS MEMÓRIAS TÊM PRAZO DE VALIDADE?



A lembrança do texto anterior de João Carlos Fraga, além da força do seu conteúdo, passou a fasquia daquilo de que apenas nos lembramos. Talvez já seja uma recordação. Éramos 150. Num sábado de Março. No auditório da Escola Profissional da Horta. O apelo era profundo. As questões a debater, urgentes. A oportunidade, a não perder. Do apelo, recordamos os tempos históricos do Porto da Horta e as singularidades do seu potencial secular, a espera paciente, já longa, da sociedade faialense, aguardando que a História se repita com um novo tempo para o seu Porto. Das grandes questões, recordamos o conceito de frente de mar, o sentido integrador da relação da cidade com o Porto e vice-versa e os novos desígnios sócio-económicos. A oportunidade foi a tese de Pedro Garcia sobre a Cidade e o Porto e a participação de especialistas para ajudarem a pensar, exactamente, mais um tempo de esperança sobre a requalificação do histórico Porto da Horta.

Sabemos que podíamos ter sido mais numerosos (como aconteceu pouco tempo depois, no Hotel do Canal). Mas, esta iniciativa a par do entusiasmo também criou incómodos. Alguns receberam “recomendação”, outros simplesmente acharam melhor ter cautela, outros, ainda, entenderam não terem sido suficientemente convidados.

Foi há 10 anos. Será muito ou pouco tempo? Será suficiente para integrar a memória colectiva? Terá ainda interesse actual? O que ficou do labor produzido? Apenas um momento de que a sociedade faialense estava carente – o empenho no debate do seu próprio dever? Onde andam as propostas de Pedro Garcia? Na altura eram boas. Estarão desactualizadas? E as opiniões dos especialistas “de fora” e dos nossos? Dos convidados de várias áreas, Jorge Vieira, Nuno Lima, Luís Menezes, Manuela Lara, João Carlos Fraga e outros que exprimiram o seu pensamento? Estão todas publicadas. Perderam-se nos vazios do esquecimento humano? E, como é comum, na arrogância oficial?

Os estudos e as opiniões estavam certamente adaptados aos “nossos” objectivos. E vieram em tempo oportuno. Conviria trazê-los de novo à memória colectiva. Ao menos para apaziguar as nossas consciências.

10 anos é muito para remexer na memória? Há um tempo para isso? Já estamos limitados pela passagem a outro nível da memória? O do aconchego da saudade e da nostalgia? Ou receamos descobrir e afirmar que na memória ainda há patrimónios de pensamento com valor actual? Seria importante que julgássemos este prazo de validade. Dentro de nós e no imaginário social.

“Saí da Ilha mas a Ilha nunca saiu de mim”



Este livro de memórias de Manuel Leal é, de facto, memorável. Trouxe-nos mais um desafio para a revitalização em curso do projecto “Memórias Biográficas”. Compromete-nos com a tentativa por uma História diferente. Que não descreva apenas. Mas que contextualize e explique. E, daí, mobilize o debate sobre o sentido das circunstâncias. Nas memórias directas ou indirectas. Isoladas ou transversais.

Já sabíamos da propensão de Manuel Leal para a escrita. Recordamos as suas primeiras experiências no jornalismo na cidade da Horta, na década de 1950, no Telégrafo, quando era aluno do Liceu. Perdemos o seu rasto, mas

sabia-se de colaborações em jornais americanos e nos Açores. Apreciamos o estilo lúcido e sensível como nos transmitiu a mensagem “Horta na mente e no coração” (boletim n.º 17/2007).

“Saí da Ilha mas a Ilha nunca saiu de mim”, expressão que usou em entrevista recente ao “Portuguese Times”, dizendo que embora não lhe pertencendo, esta frase define bem a génese afectiva da identidade.

Manuel Silveira de Medeiros Leal, Antigo Aluno (1952), faialense, natural das Angústias, emigrou para os EUA em 1959, fazendo parte

dessa grande “geração do Vulcão”. Reside em New Jersey. Trabalhou inicialmente em fábricas como electricista. Licenciou-se em Psicologia, acrescentando formações pós-graduadas e a docência universitária. Teve um longo e relevante currículo profissional na especialidade de Psicologia Clínica, em instituições públicas e privadas. Criou estruturas de intervenção em Saúde Mental e Diagnóstico de comportamentos desviantes em contextos educativos.

Este livro assume certamente grande importância no percurso íntimo de reconciliação com as suas memórias. É um instrumento de protesto contra as circunstâncias duríssimas das condições de vida das pessoas desfavorecidas do seu tempo de criança e jovem no Faial. Exprime o desejo de resgatar tantas pessoas do anonimato e da sombra em que viveram e morreram, sem repararem nelas. Pelo contrário, não se ocupa, ignora, os importantes sociais e explica porquê. Dá-nos narrativas robustas, meticolosas, com grande sensibilidade humana. Com incursões na história do Faial. Sempre com o apoio da visão do Psicólogo. Também diz na mesma entrevista que o seu objectivo não é “fazer” História mas contar estórias, procurando a respectiva historicidade. Também se desculpa sobre as carências literárias do livro. Mas, de facto, o texto está bem cuidado, redigido com agilidade e apreciável adjectivação. Certamente que os Professores de Português do Manuel Leal ficariam orgulhosos desta sua prestação naquela que foi a sua primeira língua.

Uma obra assente numa amostra social significativa – a vida na freguesia das Angústias no tempo da caça à baleia. Uma obra para compreender açonanidades. E que faz pensar, porque estas bóias amarram bem fundo.

BOIAS DA MEMÓRIA de Manuel Leal foi publicado nos EUA, por Seroza Books – Livros da Diáspora Açor-americana em 2016.

UNIVERSIDADE SÉNIOR – REQUIEM ADIADO?



A Universidade Sénior do Faial, criada pelos “Antigos Alunos”, iniciou a sua actividade em 13/9/2008, depois de aprovação pela Assembleia Geral da AAALH. Foi concebida como um projecto visando vários objectivos: a aprendizagem ao longo da vida, a valorização da intervenção dos Seniores na sociedade, a pesquisa do património de memórias e saberes e, naturalmente, a promoção dos espaços psico-sociais de lazer activo. Este projecto veio, assim, colmatar uma lacuna das políticas sociais, afirmando-se, ainda, pelas dinâmicas da auto-suficiência e da autogestão. Os resultados foram sempre animadores. No número de alunos, na disponibilidade de professores em regime de voluntariado, na oferta de áreas de cultura geral ou artística e nos projectos de extensão. Desde o início que a Unisénior fez um grande esforço para suprir as suas limitações em instalações (funcionan-

do no Amor da Pátria e em vários locais da cidade e actualmente, a título provisório, em condições ainda insuficientes, na Trinity House). A gestão tem sido sempre assumida pelos próprios seniores, o que lhe dá uma característica original, de grande riqueza participativa. Mas, neste nono ano, viveu-se uma situação delicada que prenunciou uma crise na continuidade deste projecto. Os Seniores vivem um tempo novo, asoberbados de ocupações e compromissos. Entretanto, um grupo (o actual Conselho de Gestão) disponibilizou-se para as funções directivas da Universidade. Contam com 120 alunos, 23 áreas de estudo e 25 professores. Têm conseguido um ambiente agradável com grande equilíbrio entre o regime de aulas e as actividades sociais.

Há muito tempo que a Direcção da Associação procura formas de garantir apoio logístico, aliviando o esforço de quem está no Conse-

lho de Gestão. De encontrar estímulos para os Professores. De facilitar o acesso a instalações próprias. De obter normas de apoio próprias. Assunto já antigo, debatido no Colóquio do Ano Europeu do Envelhecimento Activo (Unisénior, 2012). Sistematicamente abordado com o Governo Regional. E, agora, com os membros fundadores – Câmara da Horta, Santa Casa da Misericórdia e Núcleo Cultural da Horta. As Universidades Seniores integram uma percentagem relevante da população idosa. Também por isso, se justifica a realização de um Fórum para avaliação dos trajectos realizados e preparar a harmonização do modelo estratégico e do estatuto jurídico destas novas estruturas de solidariedade social, educação e cultura.

Conselho de Gestão para 2016/2017

Altino Goulart (Presidente); Filomena Silveira; Cecília Medeiros; Eugénia Fontes; M. Antónia Pinto de Sousa; Raimunda Rosário.

HÁ 60 ANOS NEVE NA CALDEIRA



5/2/1957 – Neste dia um grupo de alunos do Liceu fez uma caminhada até à Caldeira, para ver a neve que caíra em grande quantidade. Esta foto desse acontecimento raro foi cedida por Rui Simões. Será um bom contributo para o Arquivo Fotográfico de memórias do tempo do liceu.

GUERRA NO CANAL HÁ 75 ANOS



A NATIONAL GEOGRAPHIC na sua edição de Fev./2017 traz uma importante reportagem sobre a 2.ª Guerra Mundial, a propósito da descoberta no Canal Faial - Pico de um submarino alemão afundado em 2/2/1942, por navios ingleses, a cerca de 3 milhas da costa do Pico (Mirateca/Guindaste). Esta descoberta feita pelo submarino de investigação “Lula” (sediado no Faial), ocupou largo espaço na comunicação social nacional e estrangeira (incluindo a revista alemã *Der Spiegel*). Foram, assim, abertas novas pistas de investigação historiográfica e de biologia marinha. Apraz-nos notar que este episódio foi objecto de uma ampla pesquisa de Manuel Paulino Costa, a nível local e em registos internacionais, dando origem a um livro, publicado em 2012, “U-BOATS NOS MARES DOS AÇORES/Batalha do Atlântico 1939-1945”.

Esta descoberta vem despertar o interesse de aprofundar o papel do Faial durante a 2.ª Guerra Mundial. O porto da Horta como base naval das forças aliadas. A actividade das oficinas navais. A confluência de interesses das partes beligerantes no Faial (neutralidade de Portugal). A presença das companhias de cabo submarino. E da Estação Rádio Naval (apoio aos navios atacados por submarinos alemães). As operações de reabastecimento. A actividade de redes clandestinas de espionagem.